

Sandro Marcío Drumond A. Marengo
Augusto Petronio Pereira
Mariana Augusta C. de S. Fonseca
Marcos Mateus Campos Mota Nunes

AS OFENSAS VERBAIS NA CULTURA ESTANCIANA DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS- CRIMES DO SUL SERGIPANO

RESUMO

Um dos centros de atenção da sociedade moderna se assenta no fato de a reputação ser estabelecida e regulada publicamente pela opinião seleta da vizinhança (SHOE-MAKER, 2000). O bom nome e a fama são fatores primordiais que se levantam na tipologia processual com a qual estamos trabalhando. O objetivo desse trabalho é apresentar a edição semidiplomática de um processo-crime de ofensa verbal demandado no ano de 1876, no município de Estância, Sergipe. A fonte remanescente faz parte do acervo histórico do Arquivo do Poder Judiciário de Sergipe. Além da edição, apontamos para os itens lexicais usados como ofensa verbal, o que retrata uma das formas de violência da província oitocentista de Sergipe. Nossa abordagem está ancorada na Lexicologia Social (MATORÉ, 1973). Com esse trabalho, esperamos dar nossa contribuição para o entendimento do funcionamento da língua portuguesa no Sergipe oitocentista (MARENGO, 2017).

Palavras-chave: Crítica Textual. Paleografia. Ofensas Verbaís. Lexicologia Social.

THE VERBAL OFFENSES IN THE ESTANCIAN CULTURE OF THE 19TH CENTURY: A STUDY ON THE CRIMINAL PROCESSES OF THE SOUTH OF SERGIPE

ABSTRACT

One of the centers of attention of modern society rests on the fact that reputation is publicly established and regulated by select neighborhood beliefs (SHOEMAKER, 2000). The good name and the fame are primordial factors that are raised in the procedural typology with which we are working. The objective of this work is to present the semidiplomatic edition of a verbal criminal offense sued in the year 1876, in the municipality of Estância, Sergipe. The remaining source is part of the historical archive of the Judicial Branch of Sergipe. Besides the edition, we point to the lexical items used as verbal offense, which portrays one of the forms of violence in the nineteenth century province of Sergipe. Our approach is anchored in Social Lexicology (MATORÉ, 1973). With this work, we hope to contribute to the understanding of the functioning of the Portuguese language in the nineteenth-century Sergipe (MARENGO, 2017).
Keywords: Textual Criticism. Paleography. Verbal offenses. Social Lexicology.

LAS OFENSAS VERBALES EN LA CULTURA ESTANCIANA DEL SIGLO XIX: UN ESTUDIO SOBRE LOS PROCESOS CRIMINALES DEL SUR SERGIPANO

RESUMEN

Uno de los centros de atención de la sociedad moderna se asenta en el eje de que la reputación se establece y se regula públicamente por la opinión selecta del vecindario (SHOEMAKER, 2000). El buen nombre y la fama son factores primordiales que se levantan en la tipología procesal con la cual estamos trabajando. El objetivo de ese trabajo es presentar la edición semidiplomática de un proceso criminal de insulto verbal demandado en el año de 1876, en el municipio de Estância, Sergipe. El dicho documento pertenece a la colección histórica del Archivo del Poder Judicial de Sergipe. Además de la edición, buscamos presentar el léxico usado como insulto verbal, que retrata una de las formas de violencia de la provincia del siglo diecinueve de Sergipe. Nuestro abordaje está anclado en la Lexicología Social (MATORÉ, 1973). Con ese trabajo, esperamos dar nuestra contribución para el entendimiento del funcionamiento de la lengua portuguesa en el Sergipe Imperial (MARENGO, 2017).
Palabras clave: Crítica Textual. Paleografía. Insultos Verbales. Lexicología Social.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Matoré (1973), a lexicologia deve ser estudada com o suporte de suas ciências vizinhas tais como, por exemplo, a sociologia, história, psicologia e a linguística. Nessa concepção, o autor acredita que para estudar o léxico é necessário que se leve em conta essas outras ciências, uma vez que a linguagem é um fato social.

Biderman (1998) complementa o pensamento de Matoré (1973) ao afirmar que o léxico é uma expressão de cultura de uma determinada sociedade. Nesse sentido, analisando os *corpora* do trabalho que ora propomos, podemos tomar por premissa que os itens lexicais presentes nos processos-crimes de ofensas verbais nos ajudam a compreender a conformação da sociedade estanciana do século XIX e as formas de relações interpessoais naquele tempo.

Tratamos neste artigo sobre uma breve descrição codicológica e alguns resultados parciais da edição semidiplomática de um processo-crime que está no Arquivo do Poder Judiciário do Tribunal da Justiça de Sergipe (APJSE). Antes, porém, estabelecemos uma análise sobre a funcionalidade da Língua em um contexto social para em seguida discutirmos a definição de ofensas verbais dentro dessa ótica.

O processo por nós analisado foi manuscrito no ano de 1876, na cidade de Estância, Comarca de Estância da província de Sergipe. Este documento refere-se a um crime de ofensa verbal que fora escrito e publicado em um periódico de circulação popular nesta mesma cidade, cujo alvo foi a Mariana Joaquina de Macêdo, uma senhora de 50 anos que se autoproclamava como “viúva honesta”.

A edição semidiplomática foi realizada com o uso das normas do Projeto interinstitucional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Para obtermos êxito nesta pesquisa o trabalho foi dividido em *Considerações iniciais*, para contextualização e objetivos do trabalho. Sobre *Língua e sociedade*, onde estarão as justificativas da pesquisa, *Crítica e edições* para esclarecimentos de alguns conceitos teóricos importantes, *Aspectos meto-*

dológicos no qual apresentamos os procedimentos de edição do documento, a edição fac-símile e a semidiplomática. Para finalizar, as *Considerações finais*.

2 LÍNGUA E SOCIEDADE: AS OFENSAS

A língua(gem) pode produzir e justificar uma realidade, dependendo do modo em que é empregada. Ela é uma força ativa na sociedade, por meio da qual podemos compreender os mecanismos sociais e históricos que situa e inscreve um determinado povo ou comunidade. Assim, ao entendermos a língua poderemos entender a sociedade, seu povo e sua história. A relação entre língua e sociedade é intrínseca e passa pela compreensão histórica de uma coletividade, como afirma Marengo “[...] a língua possa ser uma descrição do mundo, como um fato social [...] produto de uma coletividade.” (MARENGO, 2016 p. 64). Por isso, a construção da identidade do indivíduo resulta na construção do significado social. (LABOV, 2008 [1972]). Contudo, se a língua é um produto social, podemos pensar que qualquer sistema lexical é a somatória das experiências acumuladas de uma sociedade, como afirmara Tereza Biderman. (BIDERMAN, 2001). Para entender esse conjunto, faz-se sempre importante descrever e analisar as experiências lexicais de uma dada comunidade de fala.

A partir desse pressuposto, nossa análise sobre a língua e seus desdobramentos sociais vai em direção da reflexão sobre as ofensas verbais, que é o objeto desse nosso trabalho. Os insultos sempre fizeram parte de qualquer sociedade e estão presentes em todas as culturas e línguas porque são produtos do conflito humano. Mas o que é uma ofensa verbal? Há alguma forma de compreendê-la? Para Burke e Porter (1997) o que nos ajuda a definir o que constitui ou não um insulto “é a identidade dos falantes e a relação existente entre eles” (1997, p. 122).

Há também outras variantes: “O contexto, a maneira como são ditas, variáveis culturais, linguísticas e temporais. Cada caso reflete o funcionamento de uma determinada sociedade” (BURKE; PORTER, 1997, p. 123).

Para Carneiro (2006, p.2), as ofensas verbais ou insultos são caracterizados por ser uma “[...] forma de agressão por meio da qual os adjetivos e substantivos são utilizados menos para descrever a outra pessoa do que para atingi-la.” O autor ainda explicita que, em vários lugares e época, a força ilocutória e reacionária da língua em uso dentro de uma sociedade tomava itens lexicais como “ladrão” e “cornos” para insultar homens e “prostituta” para ofender as mulheres. No nosso corpus, por exemplo, o vemos que a ofensa contra uma mulher está baseada em um caráter metafórico de sua aparência física com a de um calango. Diante disso, Carneiro (2006) ainda expõe que é pouco provável que os insultos, de modo geral, reflitam caracterizações que tenham relação direta com o comportamento social dos ofendidos. O autor afirma que os itens lexicais representativos das ofensas eram somente meios de arrasar a reputação das vítimas, ocasionando-lhes a destruição social.

É importante ressaltar que o léxico do insulto expõe bastante as formas de pensamento e organização social. As ofensas portam conceitos partilhados pelo grupo social. Kleiber (1999) afirma que a conceitualização de mundo bem como o modelo mental que se cria a partir dele são, em grande parte, partilhadas entre os sujeitos, construindo-se, assim, a base do entendimento mútuo. Assim, o entendimento dos significados gerados por insultos e ofensas verbais demonstram a solidariedade entre os sujeitos de uma sociedade. Convém agregar a esta afirmação o fato de que, tanto os sujeitos quanto suas manifestações linguísticas estão imersos em um ambiente maior: a sociedade. Desse modo, a linguagem que usam não só reflete as construções cognitivas individuais e partilhadas pela coletividade, mas também aponta para o modo como essa comunidade mapeia o mundo ao seu redor. Essa ideia, expressa por Matoré (1973), suscitou a disseminação do conceito de lexicologia social.

Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos

homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1973, p.43)¹

A proposta de Matoré de estudar o léxico de uma língua com base na percepção da relevância dos fatos sociais é bastante pertinente para o entendimento das reverberações do que se entende por ofensas verbais. A proposta do autor francês se alinha com o que Garrioch (2001) aponta em seus estudos: o léxico que expressa o insulto, mais do que um produto e indicador do conflito humano, é, na verdade um reflexo linguístico do funcionamento de uma dada sociedade e expõe seus valores e convenções de comportamento.

2.1 O projeto para história do português brasileiro

Nosso trabalho atende a uma das agendas do PHPB, Para uma História do Português Brasileiro, projeto nacional e interinstitucional cujo objetivo é fazer uma descrição do português brasileiro ao longo dos últimos séculos que possa fornecer *corpora* para estudos linguísticos que amplie conhecimento da nossa língua. Segundo Marengo e Freitag (2016), a professora Doutora Raquel Meister Ko Freitag, em conformidade com o PHPB nacional, teve a iniciativa e desenvolver o PHPB/SE em fins de 2014. Para Marengo e Freitag (2016),

O principal objetivo é levantar dados representativos das normas sociais de cada fase histórica do português no e do Brasil – com a aplicação de um controle tipológico-textual mais rígido – favorecendo, assim, o avanço do debate teórico acerca da mudança linguística e das interpretações sobre a formação histórico-social do português brasileiro (MARENGO; FREITAG, 2016, p. 117).

Há várias linhas de pesquisas que reúnem informações obtidas em todo o território nacional. Neste caso, apresentado neste artigo, trabalhamos com documentos escritos no Brasil Império, os quais são encontrados no Arquivo do Poder Judiciário de Sergipe (APJ).

3. CRÍTICA TEXTUAL E EDIÇÃO DE TEXTOS

Um dado importante para a compreensão da crítica textual é o de que todo texto é modificado ao ser transmitido, ao longo do tempo. Por conta disto, segundo Cambraia (2005) o objetivo principal da crítica textual é a “restituição da forma genuína dos textos”. É notório que um texto pode sofrer modificações ao ser reproduzido. As modificações ocorrem de diversas formas, que vão desde a “corrupção do material” ao “ato de reprodução do texto em si” passando também por “modificações autorais” (CAMBRAIA, 2005, p. 2 a 6).

De acordo com Cambraia a escolha de edição de um texto requer um cuidado especial, pois há de se considerar o público-alvo e a possibilidade de ter havido anteriormente outras edições. Para o autor, esses tipos de edições podem ser baseados na forma de estabelecimento do texto (CAMBRAIA, 2005, p. 91). Há duas grandes formas: as monotestemunhais (apenas um testemunho de um texto) e as politestemunhais (confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto). Nosso labor concentra-se na primeira forma de edição e, dentro desta, segundo Cambraia (2005) e Marengo (2016), no tipo chamado de semidiplomática.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção iremos apresentar alguns aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos do trabalho, tais como informações sobre o nosso corpus, sua descrição codicológica e as normas empregadas para a realização da edição.

4.1. Sobre o Corpus

O documento está localizado no Arquivo do Poder Judiciário do Estado de Sergipe, situado no bairro Capucho, na cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, inscrito na cota Caixa 695, 03, 04. Este *corpus*, data do ano de 1876. Trata-se de um processo-crime, motivado por uma ofensa verbal. A queixosa dona Mariana Joaquina de Macêdo acusa os réus abaixo citados de a terem ofendido com injúrias impressas, das quais o termo *calango* é evidenciado nos autos do processo, e que foram veiculadas em um jornal conhecido na cidade de Estância/SE, cujo nome é **O Rabudo**, conforme as imagens 1 e 2. A seguir, apresentamos os personagens que são citados ao longo do documento:

- a) **Queixosa:** Dona Mariana Joaquina de Macêdo (viúva honesta de 50 anos);
- b) **Réus:** José Gualberto de Vasconcelos (José Mancinho; testa de ferro) e Pedro Frederico Ribeiro (mandante);
- c) **Juíz/delegado:** Major José da Costa Lisbôa;
- d) **Escrivão:** Joaquim Esteves da Silveira;
- e) **Advogado da ré:** Conrado Alvaro Cordova Lima;
- f) **Genro da ré:** José Borges da Rocha;
- g) **Testemunhas:** Antonio Freire Dantas, João Araújo Barbosa, Joaquim Pereira, Manuel Benjamin da Rocha e Bernardino de Sousa;
- h) **Tabelião:** Antonio Araújo Peixoto de Bessa;
- i) **Oficial de justiça:** José Fernandes Reis;
- j) **Tenente:** João Borges da Rocha;
- l) **Juíz de direito:** João Rodrigues Chaves.

Imagem 1: APJSE, Cx 695, Estância, Fol. 05r.



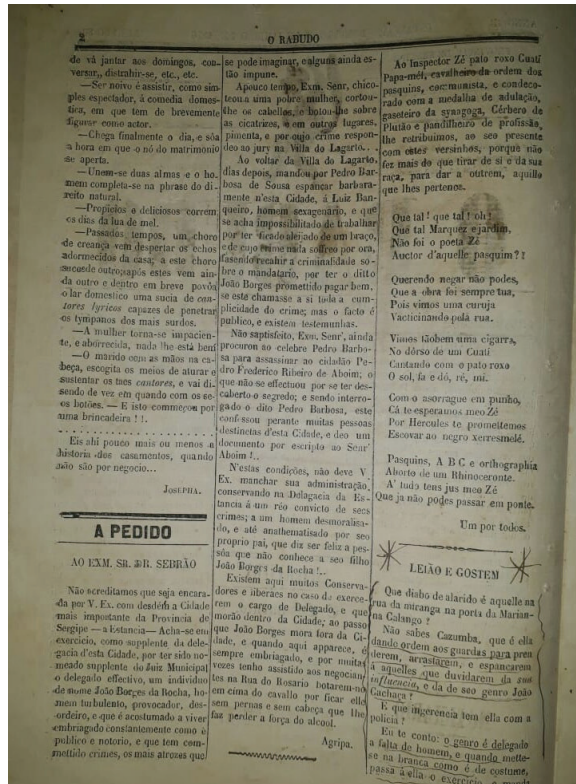
Fonte: Banco de dados PHPB/SE

O inquérito foi aberto para que se investigue o caso de ofensa verbal. As testemunhas são intimadas e todos os depoimentos são registrados nos autos do processo. Logo depois dessa primeira fase de inquirição, são adotados procedimentos de encaminhamentos legais à Corte de Justiça para se apurem e provem os fatos registrados. A conclusão do juiz se dá favorável à Mariana Calango. Para ele, quem publica um escrito, feito pelo autor, aceita como seu o pensamento e, portanto, também é sujeito à culpabilidade das ofensas proferidas. A decisão final do magistrado foi o de condenação ao editor do periódico e seu cumprimento de pena na cadeia além de pagamento das custas judiciais.

4.2. Descrição codicológica

O documento possui 52 (cinquenta e dois) fólhos, dos quais 44 (quarenta e quatro) são escritos em recto e

Imagem 2: APJSE, Cx 695, Estância, Fol. 06 e 07v.



Fonte: Banco de dados PHPB/SE

verso, 02 (duas) fólhos em branco (fls. 31 e 34). O estado do documento pode ser considerado moderadamente conservado. Dos 52 fólhos, 33 (trinta e três) são pautados. Os fólhos possuem média gramatura e os tamanhos estimados em 315 x 216 mm. A mancha de escrita possui uma média de 314 x 155. O documento possui indicativos de que fora costurado com barbantes, como mostra a imagem 3.

A tinta utilizada nos escritos foi a ferrogálica composta pelas substâncias vitrial, tanino de castanheiro e goma arábica. Há outro tipo de tinta utilizado em outros fólhos, como consta na imagem 4, ainda não identificado, razão pela qual a classificamos como indefinida. A mudança de punho também se faz presente neste processo. Como se pode observar na imagem 5. Essa mudança pode ser justificada pela própria tipologia documental do *corpuz*.

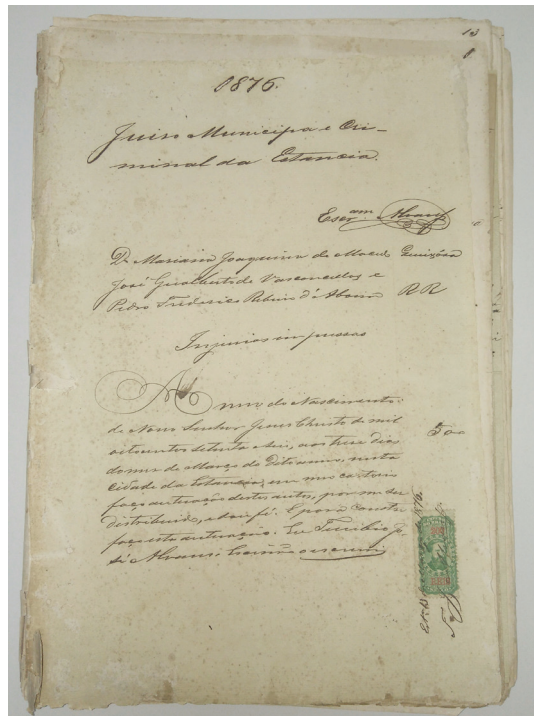
4.3. Normas de edição do PHPB

Há padrões de edição de textos que, na tradição filológica, são consensuais. No nosso trabalho, optamos pelas normas sugeridas por Cambraia (2005), as quais também são adotadas pela equipe do PHPB. Vejamos uma síntese de algumas dessas normas, de acordo com Marengo (2016):

- (a) Os **caracteres alfabéticos** serão transcritos como caracteres romanos redondos, reproduzindo-se as diferenças de tamanho que não configurem diferenças de módulo, estas serão escritas em caracteres redondos uniformizados com o restante do corpo do texto, marcados em negrito e informados em nota a sua particularidade.
- (b) Os **sinais abreviativos** serão todos desenvolvidos com base nas formas por extenso, presentes no modelo, transcrevendo em itálico os caracteres acrescentados em substituição ao sinal abreviativo.
- (c) Os **diacríticos** serão transcritos uniformizando os sinais segundo sua forma atual (mas mantendo seu uso tal qual no modelo).
- (d) A **separação vocabular (intra e interlinear)**, os **sinais de pontuação e a paragrafação** serão reproduzidos fielmente.
- (e) A **mudança de fôlio e face** será informada na margem cabeça, em itálico e entre colchetes simples []. Caso as fontes sejam originalmente numeradas, o algarismo correspondente à numeração da página virá imediatamente depois das indicações de mudança de fôlio e face, fora dos colchetes simples.
- (f) A **numeração de linha** será inserida na margem externa à esquerda, contando de 05 em 05, de forma contínua em todo texto.
- (g) Qualquer **outra particularidade** aparente nos textos será informada em nota. (MARENGO; FREITAG, 2016, p. 126-129).

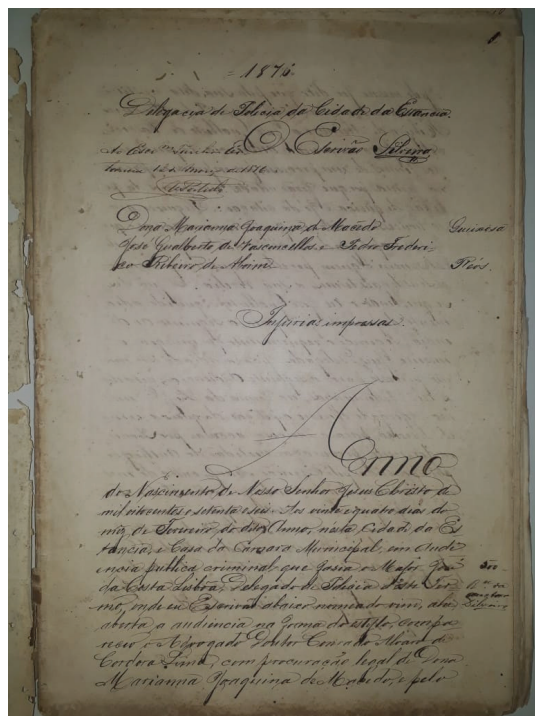
5. EDIÇÃO FACSÍMILE

Imagem 6: APJSE, Cx 695, Estância SE, Fol. 01r.



Fonte: Banco de dados PHPB/SE

Imagem 7: APJSE, Cx 695, Estância SE, Fol. 02r.



Fonte: Banco de dados PHPB/SE

6. EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

Documento: APJSE, Cx 695, Estância SE, Fol. 01r

[fól.1r]

1876.

|| Juiz Municipal e Cri-| minal da Estancia.|| *Escrivam* Turibio José Alvares|| *Dona Mariana (05)*Joaquina de Macedo (queixosa)| José Gualberto Vasconcelos e (*Reo*)| Pedro Frederico Ribeiro d'Aboim (*Reo*)|| Injúrias impressas|| Anno do Nascimento| de Nosso Senhor Jesus Christo de (10) mil| oitocentos setenta seis, aos tres dias| do mes de Março do dito anno, nesta| cidade da Estancia em meo cartorio | faço autuação destes autos, por me ser| distribuido, e dou fé. E para (15) constar| faço esta autuação. Eu Turibio Jo| sé Alvares, *Escrivão que o escrevi.*

[fól.2r]

=1876=

(20)||Delegacia de Policia da Cidade da Estancia||Ao *escrivam* Turibio Eu O *Escrivão* Silveira| tancia 13 de março de 1876.|| *APostule*|| *Dona Mariana* Joaquina Macêdo (queixosa)| José Gualberto de (25)Vasconcellos e Pedro Frederi| co Ribeiro de Aboim. (Réus)|| Injúrias impressas|| Anno| do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de| mil oitocentos e setenta e seis. Aos vinte e quatro (30)dias do| mes Fevereiro do dito Anno n'esta cidade da Es| tancia, e Casa da Comarca Municipal, em audi| encia publica criminal que fasia o Major José| da Costa Lisboa, Delegado de (35)Policia d'este Ter| mo onde eu *Escrivão* abaixo nomeado vim, ahi| aberta audiencia na forma do estylo, compa| receo o Advogado Doutor Conrado Alvaro de| Cordova Lima, com procuração legal de *Dona| Mariana* Joaquina de Macedo, e pelo||.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso estudo ressaltamos a importância do léxico sob o prisma da língua em uso real, levando em consideração não somente seu contexto sócio-histórico como também os fatores culturais que se constroem e são construídos a partir da linguagem. Essa é a visão da lexicologia social, expressa por Matoré (1973), que consegue alinhar

a reciprocidade entre o estudo do sistema linguístico e sua relação com a história e a cultura. A edição semi-diplomática dos processos-crime de ofensas verbais do século XIX é uma das agendas do PHPB/SE. A partir das edições, esperamos contribuir com uma descrição mais precisa da sociedade sergipana oitocentista a partir da linguagem em uso na época, que está mantida por escrito nos processos judiciais do Arquivo do Poder Judiciário. Dessa feita, esperamos que a descrição e análise linguísticas das ofensas verbais nos proporcionem, assim como aponta Carneiro (2006), caminhos para compreender a relação entre a justiça das comarcas sergipanas e sua população local, bem como ter mais um mecanismo de compreensão do estabelecimento das hierarquias sociais e das relações de gênero no século XIX.

NOTA

1 Tradução de CAMBRAIA (2013). No original, “En réalité, les mots n'expriment pas les choses, mais la conscience que les hommes en ont. Pour la lexicologie, les faits sociaux ont en effet l'aspect de choses, mais ce sont des choses vues, senties, comprises par des hommes; notre discipline devra donc envisager les réalités sociologiques dont le vocabulaire est la “traduction” à la fois objectivement, comme des réalités indépendantes de l'individu, et subjectivement, en fonction d'êtres vivant dans un milieu concret, dans certaines conditions sociales, économiques, esthétiques, etc.”

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUIERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- _____. **Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. SP: Martins Fontes, 2001.
- BURKE, P.; PORTER, R. (orgs.). **História social da linguagem**. São Paulo: edUNESP; Cambridge University, 2001.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista estudos linguísticos**, Belo Horizonte, vol. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.
- CARNEIRO, Dayvi Ferreira. Calúnia e Injúria: uma análise historiográfica dos usos das ofensas verbais na pesquisa histórica brasileira e internacional In: **Anais do XII Encontro Regional de História ANPUH/RJ**, 2006, Niterói. p.1-11.

GARRIOCH, David. Insultos verbais na Paris do século XVIII. In: BURKE, P.; PORTER, R. (orgs.). **História social da linguagem**. São Paulo: edUNESP; Cambridge University, 2001. p. 121-140.

KLEIBER, Georges. **Problèmes de sémantique. La polysémie en questions**. Lille: Ed. du Septentrion, 1999.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. p. 18

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves; FREITAG, Raquel Meister Ko. Para Uma História Do Português Brasileiro em Sergipe: Organizando as Fontes Manuscritas e suas Edições. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v.1, n.46, p.116-129, 2016.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. Capítulo 2: fundamentação teórica; Capítulo 3: metodologia. In: **Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. p. 53-152.

MATORÉ, G. **La Méthode en Lexicologie. Domaine Français**. Paris: Librairie Marcel Didier, 1973.

SHOEMAKER, Robert. The Decline of public Insult in London – 1660-1800. **Past & Present**, nº. 167, November, 2000.

OS AUTORES

Sandro Marcio Drumond Alves Marengo é Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-graduação em Letras (UFS). Bolsista de Pós-Doutorado (CNPq/PDJ) e coordenador do PHPB/SE. E-mail: drumondalves@gmail.com

Augusto Petronio Pereira é Mestrando em Estudos linguísticos do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa Para a História do Português Brasileiro de Sergipe (PHPB/SE). Email: alemaoguto@yahoo.com.br

Mariana Augusta Conceição de Santana Fonseca é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa Para a História do Português Brasileiro de Sergipe (PHPB/SE). E-mail: naninhaaugusta@yahoo.com.br

Marcos Mateus Campos Mota Nunes é Graduando em Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Aluno de Iniciação Científica (PIBIC) com bolsa do CNPq, sob orientação do Prof. Dr. Sandro Drumond Marengo. Email: mateuscmn@gmail.com